

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Suplemento Class.: 04 Kayabi
 Data: 02.08.59 Pg.: 11

O índio que eu vi em Mato Grosso

(15.º de uma série). PÓRTICO DE BORRACHA

O índio hoje ganha terreno. A empresa de desbravamento do sertão deu de cara com o projeto de Parque Indígena. Resfriando forte e comprometedor. O Caiabi é que salta ostentando. Abandona-se tudo na iminência da desvalorização da terra. Em nada deu o aparato formidável de furo, sertão a dentro. Assisti a entrada espetacular da Cafeara em 1954, no Porto São Sebastião, no rio Verde. Seis caminhões carregados de motores de pópa, jipes, trator de barco. Sessenta homens filtram-se pelas fendas deixadas pelos mastodontes. Fazem viagem de qualquer jeito.

Hoje o Caiabi se ri de tudo. Nada funciona. A capoeira toma conta do progresso que se foi. O índio matuta: bem dizia que o fogo come o cerrado e tudo o que passa por ele...

Mas a borracha continua. Prossegue intrépida a faina de meter elástico rio acima e caminhar a dentro, para ver quem come o "ouro" primeiro... Antônio Bernardino em 1953, sela a boa vizinhança com o Caiabi. Não fosse a energia e tino, acabaria num espéto. Despende doze contos (naquele tempo) em brindes de agrado e em remuneração de serviço. Proibe terminantemente franquear o objeto indígena e desrespeitar o índio. Mas não falta quem "pacifique mulheres". Dá briga. Bernardino repreende o culpado publicamente na beira do rio... tal sócio no peito do indivíduo, que o joga água. Amarra o homem e o manda de volta para a metrópole. O seringueiro abaixa a cabeça. O Caiabi goza e... pega no serviço. Ajuda na plantação, no transporte, passagem de cachoeira e coisa assim.

A safra da borracha termina. Um seringueiro fica estendido, maletoso. O índio trata, não deixa faltar alimento. Sem resultado, mas, enfim, com boa vontade, o curandeiro chupa-lhe a pele e o esconjura. Purutai, o chefe, mete-lhe garganta abaixo uma poção amargosíssima, feita de chá de raiz ninguém sabe qual. Ficou bom, como se nunca tivesse malária. Nunca mais recada. O seringueiro, por vezes, cura Caiabi. Um índio, em reconhecimento de uma medicina eficaz, oferece ao seringueiro uma filhinha de dez anos a penas. Não aceita. Assim se passa a vida, quase em cima do lugar onde te-



↑ A jovem mãe Caiabi não teme a máquina fotográfica... ↑

CAIABI NA FRONTEIRA DA CIVILIZAÇÃO

PÓRTICO DE BORRACHA. — SOMENTE DE PERTO SE DESTINGUE BEM. — XADREZ DE PEDRA HUMANA. — CATECISMO A RETALHO. — UM PASSEIO AO PURUTAI. — DANÇA E SEMPRE DANÇA.

Por A. J. ZATIAMARE



↑ Madeira escolhida a dedo conserva o fogo noite e dia, no rancho e na viagem. ↑

mesmo. Ele é que ensina nós". A curiosidade incendeia o índio, a desconfiança gela. De melo-fio: "Mait" — que quer dizer homem santo ou também curandeiro, rezador. A vida se renova a cada embarcação abelada. É o que sucede agora.

XADREZ DE PEDRA HUMANA

O Caiabi não gosta do seringueiro. Precisa trabalhar para receber alguma coisa... Caiabi foi sempre assim. O seringueiro também não gosta do Caiabi. Perde tempo com o índio. Raras vezes aprecia a ajuda do índio.

A safra da borracha ocupa quando muito seis meses, aproveitando a seca. O seringueiro mete o índio no trabalho. O neocolono também. Até aí, nada de mal. Mas o índio não é sempre compreendido. O abuso da mulher índia decide a desavença. Tanto se represa a água que um dia ela salta. Um dia sai escândalo. Sabino, um chefe de aldeia, repreende um seringueiro. Que um índio ensine moral ao civilizado é coisa que não entendo. E é coisa de Mato Grosso, daquele grosso mesmo...

Alguns seringueiros tomam a direção da tribo em seus trabalhos de progresso. Um que outro apenas. No sertão quem faz figura é o padre, o único homem completo. Talvez desajeitado no serviço bruto, mas o único que salva a situação.

CATECISMO A RETALHO

O PADRE é levado ao pau-a-pique, coberto de palha. Rancho semelhante ao do sertanejo. Três famílias dentro, com rede, cuia, arco, flecha... Uma única lareira com grande panela de barro. Dois pilões trabalham. Algumas milhares semi-nuas. Vê-se que com ostentação põem o trapo que têm. O índio pega fogo. Tudo curiosidade. Quer ver disfarçadamente o visitante. Sentam-se em um banco, junto do pau-a-pique. Luís, filho do chefe Purutai apresenta-se com uma calça velha, um paletó ve-

portuguesa com caiabi. O índio em peso fica admirado. "Como é que ele sabe?" "Mait!" "Sabe, porque é Mait mesmo!" Trax coisas da embarcação e separa as do padre. Oferece-lhe pousada. O padre não tem rocio, domina as ações, mas não aceita pousada na casa. Luís interpreta a recusa como sendo medo. O padre tapa a boca de todos: "Então eu não sou Mait? Mait mesmo? Quando vier o capitão Sabino, vou dormir em sua casa."

O padre sofre com o catecismo. O Caiabi só conhece palavra concreta, de sentido rescrito. Não tem a palavra munda. Dar idéia de um mundo, so mesmo numerando coisa por coisa. Não sei como o padre se arranja. O catecismo vai para a frente todo fragmentário, de mistura com a cura de doente, ensino da língua portuguesa, orientação de vida e negócios...

Corre tempo longo até o índio apreender. Mas o catecismo é eficiente. O índio muda completamente de vida e se torna capaz de bem.

UM PASSEIO AO PURUTAI

RANCHO grande, ainda por acabar. Purutai apresenta a família. A mulher, já de certa idade, miúda, de cara chupada. Vestido vermelho desbotado e grande demais. A filha do casal já em idade de casamento. Só de saia. Não me oferecem nada. Visito a roça. Acompanha-me um seringueiro influente. Ele civiliza o Caiabi. Purutai pede desculpa, por não oferecer nada no momento. Roça falha. O seringueiro dá-me a entender que a única maneira de proceder corretamente com o índio é ensinar a nossa maneira civilizada de vida. Diz: "Já ensinei para ele o padre".

(Continua na 6.ª página)



↑ Fábrica rio-grandense fez questão de vestir os índios Caiabi. ↑

plantar arroz e feijão, para fazer bola como nós. Da outra vez vou trazer semente. Também precisa usar gordura e açúcar". "Vou passando. O padre tem trabalho. Apresentou-se uma menina de 13 anos. Seringueiro na "sala" e a menina na cozinha. Ele para ela: "Então, não oferece nada ao padre?" Um tanto envergonhada, entrega uma cuiazinha com amendoim graúdo. Padre pergunta se o seringueiro cria a menina. Disse, não. "Esta é minha mulherzinha. Para casar, só depende do Senhor. Pode-se casar com uma índia?" A menina olha para o seringueiro amorosamente... Vi que de civilizado o índio só não tem o exterior... Ano mais tarde, nasce uma criança forte e sadia. Antes de viajar com o seringueiro, para resolver o caso em instância competente, dizem: "Ivone não vai. Ele vai matar você. Ele tem mulher em Caiabi e te largar!" Responde: "Se ele tem mulher não sei, mas vou ver. Se ele me quiser matar, deixa matar. Eu vou assim mesmo!"

VOLTO ao rancho. Refeição. Muito movimento. Pedaco de pano novo vai de admiração em admiração. A índia lá se põe a costurar. De mão em mão, pente, sabonete, espelho... O seringueiro sabe agradecer. Depois do jantar moças varrem. Cantarolam, gíngando o corpo. Imitam a dança do civilizado. O chefe da tripulação afina o violão. Um outro o cavaquinho. "Sim, padre nos vai cantar um pouco. Precisa acabar com o bacururu deles. Coisa estúpida, pular para cá e para lá como macacos!" Começa o baile. Tudo dança, até menina de poucos dias, para não faltar parceira. Baile de roça, ríto e solene.

O arrasta-pé é coisa de todo lugar; das aldeias com seringueiro também. Modinhas originais aparecem aqui e ali. Pena que o desregramento tira o gosto da festa. Por ocasião de uma de tantas danças, o chefe caiabi de nome Sabino dá com o moço — o tal do incidente da dança acima relatado: "Vocês gostam de brincar. Nós também. Mas precisa haver respeito. Vocês também não gostariam se nós fizéssemos isto. Você não viu como fizemos brincadeira no Pósto, no Natal? Havia muita gente, mas tudo foi direito". O rapaz podia dormir sem estar. Mas não se importou. Aprendera bem a ser civilizado... Só não gostou do padre...